

Aventura no Mundo da Poesia

Peça de Teatro Infantil
Escrita por Flávio Colombini

Flávio Colombini
Site: www.flavito.com.br
E-mail: flaviocolombini@gmail.com

ATO ÚNICO

Um menino e uma menina entram no palco. O menino, Carlos, traz o livro "Poemas Divertidos" na mão. A menina, Laís, olha o livro.

LAÍS
Vamos ler uns poemas?

CARLOS
Vamos.

Laís pega o livro da mão dele e começa a ler um dos poemas em voz alta. Carlos ouve.

LAÍS
A Cozinheira Assombrosa
Fez uma meleca pastosa,
Uma gosma gelatinosa
E uma caca oleosa.

Aí, ela deu tudo para a gente comer
E ainda tinha coragem de dizer,
Que a comida dela estava gostosa!

Uma luz se acende no canto do palco revelando a Cozinheira Assombrosa, com uma panela na mão, oferecendo a meleca que ela cozinhou para o público. A luz logo se apaga. Carlos e Laís não olham diretamente para ela, mas sentem algo estranho.

CARLOS
Às vezes eu fico tão envolvido no
livro que parece que é de verdade.

LAÍS
É, isso também acontece comigo.
Parece que eu consigo ver os
personagens.

CARLOS
É. Agora deixa eu ler uma poesia.

LAÍS
Tá.

CARLOS
Eu vou ler essa aqui.

Ele começa.

CARLOS
O Pirata Bigodão
Era um grande vilão.
Roubava navios aos milhares
E era o terror dos sete mares.

Só que, de tanto roubar,
 Ele ficou despirocado.
 E o Pirata Bigodão
 Passou a ser chamado
 De Pirata Pirado.

Uma luz se acende no canto do palco revelando o Pirata Pirado. Ouve-se um som de trovão. Carlos e Laís olham para ele e se assustam. A luz se apaga.

CARLOS
 Essa me deu medo, eu vou deixar pra
 depois.

LAÍS
 Me dá!

Ela pega o livro e lê:

LAÍS
 O Grande Comandante
 Usava uma farda brilhante
 E estava todo elegante.

Entra o Comandante, usando farda e quepe militar.

LAÍS
 Só que o Comandante
 Esqueceu de passar desodorante
 E estava fedendo bastante!

O Comandante bate uma continência. Nisso passa um mosquitinho perto do seu sovaco e morre com o cheiro.

CARLOS
 Que legal!

Ele pega o livro.

LAÍS
 Qual é nome do poema?

CARLOS
 O Bichão Comilão.

Aparece o Bichão, com uma caixa cheia de coisas. Carlos olha pra ele e começa a ler.

CARLOS
 O Bichão Comilão
 Comeu dez pastéis,
 Nove bruchoves,
 Oito biscoitos,
 Sete chicletes,
 Seis pequinês,
 Cinco brincos,

Quatro ratos,
Três pavês,

O Bichão engole um exemplar de cada coisa citada. Depois ele pega com cuidado dois grãosinhos de arroz e come.

CARLOS

Dois arroz,
E, depois,
Soltou
Um pum.

O Bichão solta um peido e abre um sorriso.

Laís e Carlos sorriem. Bichão sai. Laís pega o livro.

LAÍS

O Senhor Batista
É um senhor artista!

Entra o Senhor Batista, pilotando um monociclo

LAÍS

Ele é ciclista,
Flautista,

Ele tira do bolso uma flauta e começa a tocar.

LAÍS

Malabarista...

Sem parar de tocar, o Senhor Batista tira três bolas do bolso e faz malabarismo com elas. Ele mantém por um pouco, mas depois vai de desequilibrando e ficando desesperado. Ele sai do palco e ouve-se um barulhão de coisas caindo no chão e quebrando.

SR. BATISTA

Aaaaau!

As luzes se apagam de repente.

LAÍS

Ué?

CARLOS

Nossa, que escuro! Assim não vai dar pra gente ler mais.

LAÍS

Será que foi ele que causou esse apagão?

CARLOS

Acho que sim.

As luzes se acendem de novo.

LAÍS
Que bom.

CARLOS
É. Cadê o livro?

LAÍS
Ué?

CARLOS
Tava com você.

LAÍS
Eu sei mas, quando a luz apagou,
ele sumiu.

Os dois procuram o livro, mas não acham.

CARLOS
Vamos procurar o livro!

Eles saem. Luzes se apagam.

ESCONDE-ESCONDE

Luzes se acendem. No palco tem diversos lugares pra se esconder. Uma mesa virada no centro, a tapadeira ao fundo, as cortinas do palco e um latão de lixo no canto, à direita. Uma menina está batendo cara no canto esquerdo do palco.

MENINA
Quarenta e sete, 48, 49, 50. Lá vou eu...

Ela sai procurando em todo canto. Ela olha atrás das cortinas

MENINA
Onde você tá? Tico!

Depois ela pergunta pra platéia.

MENINA
Vocês viram o Tico?

Ela continua procurando.

MENINA
Tico, não adianta se esconder em lugar difícil que eu vou te achar.

NARRADOR

Ninguém vai me achar,
 Eu tenho certeza,
 Pois me escondi num lugar
 que é uma beleza.
 Será que eu saio agora? Não,
 Eu quero ser o último a ser achado,
 Mesmo que demore uma hora
 Para eu ser encontrado.
 Aqui eu vou ficar,
 Aconteça o que for,
 Eu vou tentar aguentar
 esse tremendo fedor.
 Também, por que eu fui fazer isso?

Um menino sai de dentro da lata de lixo, com uma casca de banana na cabeça e uma espinha de peixe na orelha.

NARRADOR

Me esconder numa lata de lixo.

A menina o vê e corre até o lugar em que batia cara e bate na parede com a mão.

MENINA

Um, dois, três Tico.

Depois ela olha melhor pra ele e dá risada.

Laís e Carlos estavam espionando a cena.

LAÍS

Eu já vi essa cena em algum lugar.

CARLOS

Vocês viram um livro de poemas?

O menino e a menina estranham.

MENINA

Livro?

O menino olha dentro da lata de lixo.

TICO

Não.

O menino e a menina saem, levando embora a lata de lixo e a mesa. Laís e Carlos ficam no palco e veem entrar um japonês usando um kimono e faixa preta. Carlos lhe dirige a palavra.

CARLOS

Por favor, você por acaso viu um livro...?

O GRANDE LUTADOR

O japonês olha pra ele com cara feia, grita e dá diversos golpes de caratê no ar.

JAPA
Iiiiiiaaaaaahhh! Iah!

As crianças se afastam meio assustadas e observam a cena. Do outro lado do palco tem um cara sentado num banco, usando uma capa, luvas de boxe, calmo, sério, olhando para baixo. Ele se levanta e a capa cai, revelando um cara super musculoso. O japa nem se espanta. Mas uma fã, que está na platéia, vibra com a visão e quase desmaia.

FÃ
Ai, que homem lindo!

Toca um gongo e começa a luta. O japa vem com vários golpes no ar, pra fazer pressão. O grande lutador não faz nada. Aí o japa começa a acertar os golpes no lutador, que não sente nada. O lutador dá um empurrão no japa, que voa longe. Ele se levanta e volta a aplicar golpes no lutador, que prepara e desfere um pesado soco na cara do japa, que fica tonto, dando voltas pra lá e pra cá, com cara de zureta, até que cai no chão estatelado. Uma juíza entra e conta, batendo a mão no chão.

JUÍZA
Um, dois, três, quatro, cinco,
seis, sete, oito, nove, dez. Fora!
Vitória do grande lutador!

O grande lutador levanta as mãos, comemorando a vitória, depois faz uma ginga e dá uns socos no ar enquanto o narrador narra seu poema.

NARRADOR
Agenor Adamastor
era um grande lutador.
Toda vez que lutava
ele saía vencedor.
Ele nunca sentia dor
e seu apelido era destruidor.
Só uma pessoa derrotou
o grande lutador.

A fã sobe no palco, agarra o grande lutador e dá-lhe um beijo de amor.

NARRADOR
Foi uma fã, que o agarrou
E lhe deu um beijo de amor.

O grande lutador fica todo apaixonado com o beijo. Ele fica tonto e cai no chão, com um grande sorriso no rosto.

MOSQUITO

Um cara está deitado numa cama, dormindo. Mas ouve-se um barulho de um mosquito zunindo. Ele afasta o mosquito. Depois vira do outro lado. O mosquito para. Até que volta a zumbir bem alto. O cara dá um tapa no próprio ouvido e acorda. Ele acende a luz, levanta-se da cama com seu pijaminha com estampas engraçadas e fica olhando pra todo lugar a procura do mosquito.

CARA

Quero dormir mas tem um mosquito
que não para de zumbir.

MOSQUITO (V.O.)

Zzzzzzzzzz.....zzzzzzzz!

O cara vê o mosquito e tenta pegá-lo com as duas mãos, batendo-as a frente de si.

CARA

Errei! Mas não vou desistir! Tenho
que fazzzzzzzz eszzzzzzzzte
moszzzzzzzzzquito parar de
zzzzzzzzzzzumbir!

Ele vai atrás do mosquito, pula, bate na parede, tropeça em algo, seu pé dói. Até que ele sobe na cama e dá um super pulo, batendo palmas no ar, bem forte.

MOSQUITO (V.O.)

(zunido diminuindo)

ZZZZZZZZZZzzzzzzz...!

O cara olha o mosquito caindo no chão. Ele fica todo satisfeito. Mas aí ele vai e dá um pisão em cima do mosquito. Depois pula bem alto e pisa no mosquito de novo.

O cara deita-se de novo, apaga a luz e volta a dormir, todo feliz.

O DIA EM QUE EU VOEI

Um menino está sentado em sua cama, sem fazer nada, chateado.

NARRADOR

Um dia eu não tinha nada pra fazer,
Estava triste e chateado, então,
abri um livro e comecei a ler
e fiquei maravilhado!

Aí ele tira o livro "Peter Pan" debaixo de seu travesseiro e começa a ler avidamente.

NARRADOR

Os personagens sabiam voar. Eram meninos como eu, Mas conseguiam flutuar pelo ar. Eu fechei meus olhos e pensei:

O menino fecha os olhos e diz em voz alta.

MENINO

Se eles podem voar Eu também vou tentar.

Ele se levanta e fica de pé, em cima da cama.

NARRADOR

Eu parei, me concentrei, Levantei meus braços e pulei...

Ele fica parado no ar.

NARRADOR

Para a minha surpresa, EU VOEI !
Como um pássaro, livre, eu voei.

Ele sobe e começa a voar pelo palco. A luz sobre a cama se escurece.

NARRADOR

Por toda a cidade, nos ares, eu andei.

Ele dá passos, andando no ar. Ele volta a voar e entram dois de seus amigos e acenam para ele.

NARRADOR

Vi minha casa, minha escola,
E pros meus amigos eu acenei.
Todos eles me viram e sorriram.
Estava tudo indo tão bem,
Até que eu ouvi um barulho...

Ouve-se um miado de gato e uma tampa de lata de lixo caindo no chão a uma certa distância. As luzes se apagam. Quando se acendem de novo o menino está deitado na cama, com o livro aberto em seu peito. Ele acorda.

NARRADOR

E eu acordei.

Ele olha ao seu redor e percebe, decepcionado, que estava só sonhando.

A MENINA E O FUTEBOL

Dois meninos, Lucas e Carlinhos estão jogando bola. Aí, chega uma menina, a Luiza.

LUIZA
Posso jogar?

Os meninos olham pra ela com descrédito.

LUCAS
Você?

LUIZA
É.

CARLINHOS
Mas você é menina.

LUIZA
E daí?

CARLINHOS
Não.

LUCAS
Deixa ela jogar. Fica aí no gol que eu vou mostrar para ela como se joga futebol.

CARLINHOS
Tá bom. Vai ser engraçado. Há, há!

LUCAS
Ô, menina, o gol é ali. Não sei se você sabe as regras do futebol, mas o principal é que você tem que chutar a bola no gol, alí, ó!

Carlinhos dá risada.

CARLINHOS
E você só pode chutar com o pé, não vale pegar a bola com a mão.

Lucas ri. Luiza olha pra platéia, um pouco indignada mas com um leve sorriso no rosto.

NARRADOR

No campinho,
debaixo de um belo sol,
Luiza queria provar pros meninos,
que menina sabe jogar futebol.
Os meninos deram risada
mas deixaram ela dar uma jogada.

LUCAS

Tá vai, vamos começar.

Lucas joga a bola pra cima. (A bola é presa em um fio de nylon ou vareta e controlada por alguém de preto ou em cima do palco.) Luiza começa a fazer várias embaixadinhas com a bola, dá um chapéu duas vezes em Lucas, dá umas voltas nele, dá uns dribles e chuta pro gol. Carlinhos voa mas não consegue defender. A bola entra no gol e ele fica estirado no chão. Luiza grita com alegria.

LUIZA

Gooooool!!!!

Ela corre e comemora. Depois ela pega a bola no gol, põe por cima do goleiro estirado, apoia um pé na bola e pega um espelho e batom do bolso para retocar sua maquiagem.

NARRADOR

Nunca mais alguém duvidou
Que Luiza jogava bem,
E sabia fazer gol.

NICOLAU

Um menino joga bola sozinho. Dá uns toques pra lá, outros pra cá, tenta fazer embaixadinhas, mas não consegue.

NARRADOR

Nicolau
Queria ser jogador de futebol.
Como bom brasileiro
Queria marcar muitos gols
E ser um artilheiro.

Ele chuta a bola e sai, todo feliz, gritando.

NICOLAU

Gooooooooool! Do Nicolau!

NARRADOR

O problema do Nicolau,
É que ele era um perna-de-pau
E jogava muito mal.

Nicolau pisa na bola e leva um tombo.

NICOLAU NÃO DESISTE

Nicolau está triste, com a bola nas mãos.

NARRADOR

O Nicolau
não achou nada legal
jogar tão mal.

Chega um menino e uma menina pra jogar com ele, o Lucas e a Luiza.

LUCAS

Podemos jogar com você?

NICOLAU

(alegre)
Claro.
(triste)
Só que tem uma coisa... eu jogo
muito mal.

LUCAS

Tudo bem. Eu apostei com ela quem
faz mais gols de pênalti.

LUIZA

É, você pode ficar no gol?

NICOLAU

Tá. Mas...

LUIZA

Vai lá. Não se preocupa. É só uma
brincadeira.

Ele fica no gol. Lucas e Luiza ficam chutando pênaltis. Ele defende todos.

NARRADOR

Então, ele tentou ser goleiro
e disso ele gostou,
pois era ligeiro
e pegava todas as bolas
que iam para o gol.

LUIZA

Nossa, você é super bom goleiro.

Nicolau olha pra trave e pra bola e fica feliz. (apagam-se as luzes. Acendem-se) Nicolau está um adulto, na mesma posição, com a bola na mão. Ele passa a bola para uma mulher, que chuta bolas pra ele. Nicolau pega todas.

NARRADOR

O Nicolau treinou firme
e se tornou um ótimo goleiro.
Entrou num grande time
e foi até campeão brasileiro.
E nunca mais alguém
chamou o Nicolau
de perna-de-pau.

O PUM

Entram dois senhores muito parecidos, usando terno, gravata, chapéu, bengala e ainda um bigodinho à moda antiga.

SR. NENHUM

Bom dia, senhor Algum.

SR. ALGUM

Bom dia, senhor Nenhum.

SR. NENHUM

Realmente é um belo dia.

Os dois ficam ali, parados, como que esperando um ônibus, sem falar nada. Então ouve-se um barulho de peido e os dois ficam paralizados, envergonhados. Até que o Sr Algum estranha e pergunta.

SR. ALGUM

O senhor soltou um pum?

SR. NENHUM

Não, eu num soltei nenhum pum.

SR. ALGUM

Eu tenho certeza que ouvi um zum-
zum que era barulho de pum.

O senhor Nenhum fica ultrajado.

SR. NENHUM

Eu não soltei pum algum! Quem
soltou um pum foi o seu bumbum.

O senhor Algum também fica passado. Ambos se estranham e saem de cena, um para cada lado do palco.

O QUE ADRIANO VAI SER QUANDO CRESCER?

NARRADOR
 O Adriano não sabe
 O que vai ser,
 Quando crescer.

Conforme o narrador menciona uma profissão aparece um ator que a representa.

NARRADOR
 Ele pensa em ser pedreiro,

Um homem como uma pá de cimento e um tijolo. Com movimentos bem grandes e exarcerados ele passa a pá no tijolo, fingindo moldar o cimento imaginário em volta dele.

NARRADOR
 Bombeiro,

O bombeiro, de capacete, aparece usando uma mangueira. Ele finge apagar um fogo (e pode jogar um pouco de água na platéia).

NARRADOR
 Soldado,

Passa um homem marchado com boné camuflado e uma espingarda de brinquedo (ou de água, jogando mais um pouco na platéia).

NARRADOR
 Advogado,

Homem com tom altivo fala pra platéia, como para um juri.

ADVOGADO
 O meu cliente é inocente.

NARRADOR
 Professor,

Homem de avental se dirige à platéia.

PROFESSOR
 Vamos parar com essa bagunça,
 agora!

NARRADOR
 Doutor,

Um doutor, de branco, com um estetoscópio, entra, vai até a platéia e ouve o coração das crianças. O coração de uma criança tem barulho de samba, o de outra parece música eletrônica, heavy metal, etc.

NARRADOR

Cantor,

Entra um cara com topetão, cantando uma música do Elvis.

NARRADOR

Ator.

Todos os atores que representaram as profissões entram e se curvam perante o público. (Ou entra entra alguém de arlequim e dá umas estrelas no palco).

NARRADOR

É tanta coisa legal para fazer,
Que fica difícil escolher!

Entra, do fundo do palco, no meio dos atores, o Adriano, com barba e cabelos brancos, usando uma bengala em forma de pondo de interrogação.

NARRADOR

Só que o Adriano
Já tem cem anos!
E ainda não sabe
O que vai ser,
Quando crescer.

O Adriano olha pra todos os atores representando as profissões e ainda fica com cara de dúvida.

ADRIANO

Uni duni tê
Salameninguê
O sorvete colorê
O escolhido foi vo...

(Ele ainda pode pedir ajuda pra platéia e perguntar: O vocês querem ser quando crescerem?)

BONS IRMÃOS

Entra de um lado a Vera e de outro o João.

NARRADOR

A Vera e o João
São bons irmãos.

Eles ficam um do lado do outro, como que posando para uma foto. Aí o João faz chifrinho na Vera e fica empolgado, rindo consigo mesmo e com a cumplicidade da platéia. Vera estranha.

VERA

Por que cê tá rindo?

JOÃO

Nada.

Ela olha pra trás e ele tira a mão. Ela não repara. Os dois voltam a olhar pra platéia e a sorrir. Mas o João volta a pôr a mão em forma de chifre atrás da cabeça dela e ri. Ela estranha.

VERA

Por que você tá rindo?

JOÃO

Por nada.

VERA

Tem alguma coisa acontecendo.

Ela olha pra trás de novo e ele tira a mão e disfarça. Vera pergunta pra platéia.

VERA

O que tá acontecendo?

João põe o dedo na frente da boca, pedindo pra platéia ficar de bico calado enquanto faz chifrinho nela com a outra mão.

(A criançada diz pra ela do chifre.)

VERA

Chifre?

Ela olha pra trás, ele tira. Ela olha pra platéia e ele põe de volta o chifre. Aí ela olha mais rápido e repara.

VERA

Hm, cê tava fazendo chifrinho em mim, né?

JOÃO

Não.

VERA

Tava sim!

JOÃO

Não tava.

VERA

Tá bom, então olha pra lá.

Ela aponta algo em direção à platéia. Ele olha e ela lhe dá um tapa na nuca por trás, com a outra mão.

JOÃO

Quem me deu um tapa?

VERA
Tapa?

JOÃO
É. Alguém me deu um tapa.

VERA
Como, se só tá nós dois aqui? Eu num fui.

JOÃO
Que estranho.

VERA
Cê viu o que eu te falei, ali?

Ela aponta de novo e ele olha. Ela lhe dá outro tapinha da mesma forma. Ele se assusta.

JOÃO
Que isso?

VERA
O quê?

JOÃO
Um tapa. Levei um tapa de novo. Foi você!

VERA
Não fui eu.

JOÃO
Jura.

Vera responde, com os dedinhos cruzados atrás das costas.

VERA
Juro.

JOÃO
Eu não acredito.
(pra platéia)
Cês viram quem me deu um tapa?

Vera pede silêncio. Ele olha pra ela e ela disfarça. (Até que a criançada fala que foi ela.)

JOÃO
Foi você, né. Eu te pego.

Ela foge. Ele ataca uma bola nela, que fica brava. Ela corre atrás dele.

NARRADOR
 Mas quando ficam bravos
 A Vera vira uma megera
 E o João vira um machão.

VERA
 Você já era!

JOÃO
 Vai lamber sabão!

Ela dá um empurrão nele. Ele belisca ela.

NARRADOR
 E quando brigam, então...
 A Vera vira uma fera
 E o João vira um dragão.

VERA
 Seu bundão.

JOÃO
 Seu trubufuzão.

Eles se pegam de novo. Ela chuta ele e ele agarra ela. No calor da briga aparece o pai e a mãe deles.

NARRADOR
 Mas, quando os pais
 Da Vera e do João
 Não aguentam mais,
 Ficam bravos,
 Como um furacão!

Os pais ficam super bravos com o que veem.

MÃE
 O que é isso?

PAI
 Brigando de novo!

A Vera disfarça.

NARRADOR
 Então, a Vera
 Se faz de tonta
 E espera
 Até levar bronca.

MÃE
 Os dois de castigo!

NARRADOR

Mas o João
 Não aguenta
 E chora como um bebezão.

João começa a chorar.

JOÃO

Foi a Vera que começou!
 Não fui eu, não!

O PIRATA PIRADO

NARRADOR

O Pirata Bigodão
 Era um grande vilão.

Entra o pirata, com jeito assustador e um papagaio no ombro.

NARRADOR

Roubava navios aos milhares
 E era o terror dos sete mares.
 Só que, de tanto roubar,
 Ele ficou despirocado.

O pirata faz gestos e trejeitos de um louco.

NARRADOR

E o Pirata Bigodão
 Passou a ser chamado
 De Pirata Pirado.
 Um dia, quando o Pirata Pirado
 Pilhou um navio português,
 Ele pirou de vez!

Aumenta a intensidade dos loucos gestos do pirata.

NARRADOR

E o papagaio do Pirata Pirado,
 Que sempre ficava ao seu lado,
 Ficou assustado
 E voou para o telhado.

O papagaio sai voando (ele é manipulado por uma vara ou por fios) e leva consigo a peruca do pirata.

NARRADOR

Só que, quando voou, ele levou
 A peruca do Pirata Pirado.
 E o Pirata Pirado
 Se sentiu meio pelado
 Sem sua peruca
 E seu papagaio ao seu lado.

O pirata sente falta da peruca, e a procura, sem ver onde está o papagaio.

NARRADOR

Então, o Pirata Pirado
Resolveu ficar ajuizado.
Ele disse:

PIRATA

Eu vou parar de roubar
E vou me curar
Da minha "despiruquice".

Então o papagaio volta e pousa na cabeça do pirata,
devolvendo-lhe a peruca. O pirata sorri.

CASTIGO

Uma criança está batendo figurinha sozinha, sem conseguir virar nenhuma figurinha. Entra Ricardo, todo entusiasmado, bate e vira todo o bolo de figurinhas.

Depois entra outra criança jogando bola e o Ricardo vai jogar com ela. Ele dá uma embaixada e, depois, chuta a bola bem forte.

CRIANÇA

Xi! Foi parar no vizinho.

Depois entra uma menina linda, a Paula. Ricardo vai pra perto dela, todo apaixonado.

RICARDO

Oi, Paula.

PAULA

Oi.

RICARDO

Cê sabe que eu gosto de você, né?

PAULA

Sei, e daí?

RICARDO

Então me dá um beijo na boca.

PAULA

Eu não.

RICARDO

Por favor!

PAULA
Não.

RICARDO
Então me dá um beijo na bochecha?

PAULA
Não.

RICARDO
Por favor!

PAULA
Tá bom, vai.

Ele fica com a bochecha virada pra ela. Ela vai lhe dar um beijo na bochecha, mas ele vira o rosto na última hora e o beijo dela vem direto na boca dele. Ela abre o olho e se espanta. Ele fica feliz.

Aí toca o sinal. Algumas crianças entram.

CRIANÇA
Vamos pra aula, Ricardo!

RICARDO
Não.

As crianças saem. Ele fica sozinho no pátio, sem fazer nada. Aí ele ouve um barulho...

RICARDO
Ih, a diretora.

Ele se esconde atrás de algo em um canto do palco. A diretora aparece, ameaçadora, procurando por ele. Mas ela não o acha e sai do palco. Ricardo pensa que já se safou e põe a cabeça pra fora. Mas a diretora aparece por trás dele e o pega pela orelha.

DIRETORA
Vai pra diretoria já!

Ela o leva para uma cadeira e o põe sentado.

DIRETORA
Você, seu danado,
Foi acusado
De bater figurinhas,
(ela gesticula com a mão)
De chutar a bola na vizinha,
(ela gesticula com os pés)
De roubar um beijo da Paula
E de matar uma aula."

Agora, faça o que eu digo

Se não você será punido!

Peça desculpas às figurinhas que
você bateu,
Peça perdão à bola que você chutou
E devolva já o beijo que você
roubou!

Ricardo fica meio inconformado mas depois se resigna.

RICARDO

Tá bom! Só uma coisa eu não sei.
Como eu vou ressuscitar
A aula que eu matei?

O DETETIVE E O TERRORISTA

Entra o detetive criminalista, de cachimbo, capa e chapéu,
examinando tudo com sua lente de aumento. Carlos e Laís
entram e topam com ele.

LAÍS

Você, por acaso, achou um livro
perdido?

CARLOS

O título é Poemas Divertidos.

O detetive vai seguindo o seu faro e acha a narradora, que
está com o livro na mão.

NARRADORA

Esse é meu, nem vem!

O detetive continua procurando e sai. As crianças também.

No canto do palco um cientista louco ajusta a parte de cima
de uma bomba e depois se levanta, todo orgulhoso.

CIENTISTA

(com sotaque alemão)
Eu acabei de criar o bomba mais
potente do mundo.

Só que entra um terrorista, rouba a bomba e foge.

CIENTISTA

Roubaram meu bomba, socorro,
socorro. Roubaram meu bomba.

Cientista sai. Entra o detetive criminalista, examinando tudo
com sua lente de aumento.

NARRADORA

O detetive crimilalista
Estava na pista
De um terrorista
Frio e calculista,
Que roubou uma bomba
De um louco cientista.

Só que o terrorista
Se disfarçou
De motociclista,

Passa o terrorista, segurando um capacete num braço e a bomba no outro. O detetive olha pra ele desconfiado. O terrorista sai.

NARRADORA

De guitarrista

Entra o terrorista tocando uma guitarra e segurando a bomba debaixo do braço. Ele toca mal. O detetive olha pra ele com sua lente de aumento, desconfiado. O terrorista sai.

NARRADORA

De esgrimista

O terrorista passa, brincando com uma esgrima numa mão e segurando a bomba na outra. O detetive olha pra ele, desconfiado. O terrorista sai.

NARRADORA

E de florista.

O terrorista entra, carregando uma flor numa mão, e a bomba na outra. O detetive olha para ele, ainda mais desconfiado, com sua lente de aumento. O terrorista sai.

O detetive olha pra platéia.

DETETIVE

Que vigarista
Esse terrorista!
Vocês sabem onde ele está?
Vocês tem alguma pista?

O terrorista espia em um lado do palco. (A platéia aponta pra ele.) Quando o detetive olha, ele se esconde. Aí o terrorista aparece do outro lado. (A platéia aponta.) O detetive olha, vê o terrorista e vai atrás dele.

Os dois correm, entram e saem do palco. Até que o detetive pega o terrorista.

DETETIVE

Peguei você.

O terrorista solta a bomba, que rola para fora do palco.

DETETIVE
 Você soltou a bomba. Ela vai
 explodir.

O detetive e o terrorista tentam correr mas ouve-se um forte barulho de explosão. Eles voam e caem quase fora do palco.

A CASA MAL-ASSOMBRADA

Duas meninas entram no palco. Elas olham para algo que as espanta. Elas andam com cuidado em direção a esse lugar.

NARRADORA
 Outro dia, eu e a minha amiga
 Vimos uma casa velha e quebrada,
 Que parecia mal assombrada.
 E nós resolvemos entrar,
 Para ficarmos assustadas.

Aparece um fantasma velhinho.

NARRADORA
 Logo vimos um fantasma,
 Chamado Frufriu,
 Que, de tão velho e acabado,
 Já estava aposentado
 E não conseguia nem fazer:

FANTASMA
 Buuuu... cof, cof, cof.

Ele começa a tossir e não consegue continuar.

Entra um lobisomem.

NARRADORA
 Vimos um lobisomem
 Que era muito jovem
 E não sabia nem uivar:

O pequeno lobisomem tenta uivar, mas não consegue.

LOBISOMEM
 Auu... Auuuu...

Entra um vampiro.

NARRADORA
 Vimos um vampiro,
 Chamado Kent ,
 Que parecia malvado,

O vampiro se aproxima delas, assustadoramente. Elas ficam perplexas.

NARRADORA
Mas não tinha dente.

O vampiro abre a boca e revela-se todo desdentado.

Aparece uma bruxa.

NARRADORA
Vimos uma bruxa
Muito esdrúxula.

Aparece um monstro.

NARRADORA
E um monstro
Meio tonto.

As duas meninas começam a rir.

NARRADORA
Pensando bem, essa casa
Era mesmo mal-assombrada.
Só que, em vez de assustar,
Fazia a gente dar risada.

Os personagens da casa também começam a dar risada.

CRIANCICE

Quatro crianças, dois meninos e duas meninas andam pelo palco.

NARRADOR
Todo mundo sabe que
O burro faz burrice,

Um menino faz barulho de burro.

HOMEM
Iiióóóó.

NARRADOR
O macaco faz macaquice,

Uma menina imita um macaco.

NARRADOR
E a criança faz criancice.

Outra menina pula amarelinha.

NARRADOR

Mas, o Ricardo inventou a Ricardice, que é uma coisa que só ele sabe fazer, e queria que todo o mundo visse.

Ricardo faz a ricardice.

Então, o João inventou a Joãozice

João faz a joãozice.

NARRADOR

E a Paula inventou a Paulice.

Paula faz a paulice.

NARRADOR

Aí, outra menina inventou uma macaquice

Alice faz sua macaquice.

NARRADOR

Mas não sabia que nome dar a ela, Pois seu nome já era... Alice. Que nome daria Alice para sua criancice?

Alice fica com cara de dúvida.

UMA COISA ESTRANHA NA MINHA LASANHA

Um menino e seu pai estão sentados em uma mesa, em frente a dois pratos de lasanha. O pai come um pedaço.

NARRADOR

Eu ia comer a minha lasanha Quando percebi uma coisa estranha...

O menino levanta um pedaço da lasanha e vê, pendurada em seu garfo, uma grande aranha.

MENINO

Aaaaah!!!!
Tem uma aranha
na minha lasanha!

O pai nem olha pro filho.

PAI

Vai, filho,
Deixa de manha!

Come sua lasanha,
Se não você apanha!

O menino fica com cara de tacho. Cheio de nojo, ele tenta afastar a aranha para conseguir dar uma garfada.

O FEROTOZO

Entra o Ferotozo.

NARRADOR

O Ferotozo
Era um bicho misterioso.
Ninguém sabia
Onde ele vivia.
E era espantoso
Como ele comia!

O Ferotozo vê um pão em um prato. Cheirando o pão está um gato, manipulado por uma vareta. Então aparece um cão, que corre atrás do gato. O Ferotozo vai até o prato e come o pão numa bocada só. Depois come o prato. Então pega o cão e o engole. Faz o mesmo com o gato.

NARRADOR

Comia pão
Comia prato
Comia cão
Comia gato
Comia de tudo,
De fato.

O Ferotozo engole até as varetas que manipulavam os animais. Os manipuladores fogem.

Entra um menino, todo curioso, que fica olhando o Ferotozo.

NARRADOR

O Ferotozo
Não era perigoso
Era carinhoso
E amistoso.
De tão bonzinho
Até queria carinho.

O menino se aproxima do Ferotozo e o acaricia.

NARRADOR

Eu me aproximei
E o acariciei.

O Ferotozo abre um bocão muito mais largo do que parecia possível e engole o menino.

NARRADOR

Aí ele abriu o bocão
E eu não sei mais o que aconteceu.
Eu sei que eu tô meladão,
E tudo escureceu.

O menino abre a boca do Ferotozo por dentro, e olha, espantado, pra platéia.

VENTO

Um ventilador está funcionando no meio do palco. Uma menina entra, segurando um vaso com uma plantinha. Um menino entra segurando uma bandeira. Ambos ficam na frente do ventilador, que se movimenta e faz a plantinha chacoalhar e a bandeira balançar.

NARRADOR

O vento
Gosta de soprar
E fazer a árvore chacoalhar
E a bandeira balançar.

A menina se abaixa e põe a plantinha no chão. Então o ventilador vira-se em sua direção e levanta sua saia.

NARRADOR

Mas, o que o vento
Mais gosta de fazer
É levantar
A saia da menininha,
Para todo mundo ver
A cor da sua calcinha.

A calcinha dela é colorida, cheia de bolinhas. O menino olha pra ela e dá um sorriso tímido. Ela abaixa sua saia e sai do palco, morrendo de vergonha.

BOLA NO VIZINHO

Entra Luizinho, com uma bola nos pés. Ele brinca com a bola e depois a chuta longe.

NARRADOR

O Luizinho
Chutou a bola no vizinho.

O menino fica aflito com o ocorrido. Então, com muito cuidado, ele pula um portão imaginário.

NARRADOR

Devagarzinho,
Ele pulou o portão
E pegou a bola do chão.

O menino pega a bola. Mas aparece um cachorrão que corre atrás dele.

NARRADOR

Mas aí...
Apareceu um cachorrão
Que mordeu o Luizinho
E arrancou o seu calção.

O cão morde a bunda do menino e arranca o calção dele. O menino usa a bola para cobrir sua nudez e tenta sair dali, de fininho.

NARRADOR

O Luizinho
Ficou peladinho
E saiu de fininho.

Com a bola,
Ele não sabia
Se escondia
O bumbumzinho
Ou o pintinho.

Luizinho sai.

GLOMER

Carlos e Lais entram no palco onde está o Glomer. Estranham um pouco, mas acabam falando com ele.

MENINA

Por favor, você viu um livro de poemas em algum lugar por aqui?

O Glomer faz que não com a cabeça.

MENINO

Parece que eu já te vi em alguma lugar. Quem é você?

GLOMER

Eu sou o Glomer!
Eu sou melequento
E asqueroso
E como tudo
Que acho gostoso.

Na verdade,
Eu não como,
Eu glomo!

Eu sou sem forma
 E deslizando
 E invado sua casa,
 Num instante.

O Glomer se aproxima das crianças, de maneira ameaçadora.

GLOMER
 E, como eu sou guloso,
 É bem possível,
 Que eu te ache
 Glomerstível.

O Glomer estica a mão para pegar as crianças, mas elas fogem assustadas para o outro lado do palco e saem.

QUERO-QUERO

Entra um menino e fala:

MENINO
 A ave de que eu mais gosto
 É o quero-quero,

Aparece o quero-quero.

MENINO
 Que tem esse nome
 Porque sempre fala:

QUERO-QUERO
 Quero, quero!

A mãe do menino entra e pega-o pela mão. Os dois começam a andar.

MENINO
 Só que eu peguei essa mania
 E sempre que eu saía
 Com a minha mãe
 Eu dizia:
 Eu quero-quero um sorvete.

MÃE
 Não.

MENINO
 Eu quero-quero um pastel.

MÃE
 Não.

MENINO
 Eu quero-quero chocolate.

MÃE

Não.

MENINO

Eu quero-quero pão-de-mel!

MÃE

Não.

O menino aponta para os objetos que ele deseja.

MENINO

Mas eu quero-quero.

MÃE

Nããão-nããão.

MENINO

Até que minha mãe ficou uma arara,
Que é a ave de que ela mais gosta,
E falou:

MÃE

Para com isso, para!

MENINO

E agora,
Quando tem uma coisa,
Que eu quero-quero,
Eu só posso falar:

Ele aponta para um vendedor de doces.

MENINO

Eu quero.

A mãe fica mais doce.

MÃE

Tá bom, filhinho, eu compro.
(ao vendedor)
Quanto é?

VENDEDOR

Dez.

MÃE

Não. Muito caro.
(para o filho)
Vamos!

O menino fica triste. Ela o pega pela mão e os dois saem.

LIÇÃO DE CASA

Uma menina está diante de cadernos, lápis e livros.

MENINA

Eu não aguento mais fazer essa
lição.

Ela pensa um pouco e depois tira de trás de si um chapéu pontudo de bruxo e o põe na cabeça. Ela se concentra, olha fixamente pros seus cadernos e livros e move seu lápis como uma varinha mágica.

MENINA

Lição de casa,
Lição de casa,
Como eu queria
Que você criasse asas!

Como eu queria
Meu dedo mover
E, como magia,
Fazer você desaparecer!

Ela aponta o lápis para os cadernos... mas nada acontece. Aí ela tira o chapéu e reclama.

MENINA

Mas eu sei que o único jeito
De te fazer desaparecer,
É te fazer.

Ela volta a fazer sua lição. Abre um livro, lê e depois escreve algo no seu caderno.

AVENTURAS DA BOLA DO ZEZINHO

Entra Zezinho e dá um belo chute numa bola. Um assitente de palco movimentada a bola presa a uma vara.

NARRADOR

O Zezinho
Chutou a bola no vizinho.
A bola bateu na gaiola
E soltou o passarinho.

A bola bate numa gaiola. Ouve-se um piado de passarinho. Zezinho acompanha com o olhar o voo do passarinho imaginário. (ou outra pessoa manipula o passarinho voando e pousando em algum lugar). A bola continua sua aventura.

NARRADOR

Depois, quicou no chão,
Pulou pelo portão

E foi pra rua.
 Pulou, quicou, pulou
 E bateu numa perua,

Ouve-se o barulho de um carro dando uma freada. Entra o soldado, andando despercebido. A bola bate bem na cabeça dele.

NARRADOR

Que lançou a bola
 Bem na cachola
 De um soldado,
 Que ficou irado

O soldado fica atordoado, depois bravo e dá um chutão na bola.

NARRADOR

E chutou a bola,
 Que rolou, rolou, rolou,
 E depois parou,
 Direitinho,
 Bem no pé do Zezinho.

A bola rola bastante até parar no pé do Zezinho. Ele pega a bola do chão, abismado com tudo o que aconteceu.

O VELHO PALHAÇO

Entra o palhaço Valdemir, todo empolgado. Ele tropeça em algo. Depois faz um palhaçada para a platéia.

NARRADOR

O velho palhaço Valdemir
 Já tinha feito muita criança rir.

O palhaço, já cansado, caminha devagar.

NARRADOR

Mas, estava cansado de viver
 E queria partir.
 Já tinha cumprido seu papel
 E, agora, queria ir para o céu.

Ele olha para o céu, com o rosto cheio de esperança.

Entra uma criança, toda alegre.

NARRADOR

Numa bela jornada,
 Uma linda criança
 Contou-lhe uma piada
 Muito engraçada.

CRIANÇA
 Você conhece a piada do pintinho?

O palhaço faz que não, com a cabeça.

CRIANÇA
 Piu.

O palhaço dá risada. Ele começa de leve e depois vai aumentando a intensidade do seu riso até se transformar em uma gargalhada. Depois ele vai acalmando e se deitando de lado.

NARRADOR
 E o palhaço Valdemir
 Deu tanta risada
 Que morreu, de rir.

Com um lindo sorriso no rosto, o palhaço fecha os olhos e para de se mover.

A MENINA CURIOSA

No palco está uma pequena árvore de natal com alguns presentes embaixo. Entra uma menina. Ela olha os presentes com extrema curiosidade.

NARRADOR
 No Natal,
 A menina curiosa
 Estava ansiosa
 E impaciente
 Para ver o seu presente.

MENINA
 Mãããe, posso abrir o meu presente.

Fora do palco, a mãe responde.

MÃE
 Não, filha. Só à meia-noite.

MENINA
 Aaaaah!

A menina continua a olhar os presentes com curiosidade.

NARRADOR
 Olhou na árvore
 E, antes que fosse tarde,
 Ela abriu o presente
 Que estava na frente.

A menina pega um presente, olha para a mãe (fora do palco). Tenta se segurar, mas não aguenta e rasga o embrulho do presente.

NARRADOR

Só que descobriu,
Nada contente,
Que não era o seu presente,
Mas o de um parente.

Ela fica toda decepcionada ao tirar da caixa uma cueca gigante.

CHIQUINHA

Entra a Chiquinha, uma menina cheia de sardas e com duas chuquinhas no cabelo.

NARRADOR

A Chiquinha
Era muito danada!

Ela dá uma joelhada em algo invisível.

NARRADOR

Ela deu uma joelhada
Na privada.

Ela segura o joelho com as mãos e sai mancando.

NARRADOR

Uma barrigada
Na sacada.

Ela dá uma barrigada em algo. Põe as mãos na barriga. Então ela vê algo que lhe atrai a curiosidade. Ela põe o dedo na tomada imaginária e leva um baita choque.

NARRADOR

Levou um choque
Na tomada.

Ela continua tremendo com o choque, até que consegue soltar a mão da tomada. Ela se recupera e vê a empregada cozinhando no fogão imaginário. Chiquinha lambe os beiços e tenta pôr o dedo na comida que está sendo feita, mas a empregada dá um tapa na mão dela e faz que não com a cabeça. Chiquinha continua olhando. A empregada vira-se e a Chiquinha põe a mão na comida, mas se queima.

NARRADOR

Tocou no fogo
E ficou queimada.

A empregada tira o chinelo e dá na bunda da menina.

NARRADOR
Levou uma chinelada
Da empregada.

Chiquinha fica brava e caminha rápido. A empregada sai.

NARRADOR
Saiu brava,
Não viu o poste
E deu uma narigada.

Chiquinha dá uma narigada em um poste imaginário. Ela fica meio tonta, coça o nariz e dá um espirro. Entra duas crianças, um menino e uma menina, jogando uma bola presa a uma vara guiada por um manipulador. Chiquinha fica empolgada e entra no jogo. Um menino chuta a bola e ela vai direto no peito da Chiquinha. Ela fica sem ar.

NARRADOR
Jogou bola
E levou bolada
Cabeçada,
Canelada,
E cotovelada.

Em camera lenta a bola sobe e as duas crianças tenta cabeçear-la, mas a menina dá uma cabeçada na Chiquinha. Depois, a bola cai no chão e o menino tenta chutá-la, mas acerta a canela da Chiquinha. Aí, a menina tenta pegar a bola e dá uma cotovelada na Chiquinha.

Ela fica brava e chama a menina para brigar, fazendo posição de luta. Ela dá um soco na menina, que se abaixa e devolve um tapa no rosto da Chiquinha, que dá um pirueta e fica tontinha.

NARRADOR
Brigou
E levou porrada.

Chiquinha se recupera e repara em um carrinho de bebê estacionado. Ela olha pra dentro do carrinho e lambe os beiços. Ela tenta pegar um pirulito de dentro do carrinho, mas leva uma mordida.

NARRADOR
Roubou o doce de uma criança
E levou uma dentada.

Ouve-se os barulhos de um cão, um gato e um mosquito (ou manipuladores operam réplicas desses animais atacando) e Chiquinha se estrebucha toda ao levar uma mordida, uma unhada e uma picada.

NARRADOR

O cão lhe deu uma mordida
O gato lhe deu uma unhada
O mosquito lhe deu uma picada.

Chiquinha caminha e abre uma porta imaginária e entra em casa, toda ofegante e estrupiada.

NARRADOR

E a Chiquinha
Chegou em casa
Toda detonada!

Entra a mãe de Chiquinha.

NARRADOR

Quando a mãe a viu,
Não gostou nada!
A chamou de:

MÃE

Malcriada!

A mãe da Chiquinha corre atrás dela e lhe dá umas palmadas na bunda.

NARRADOR

E ainda lhe deu umas palmadas.

Mãe sai. Chiquinha fica sozinha no palco.

NARRADOR

Coitada!

RITA

Entra a Rita. Ela dá um grito.

NARRADORA

A Rita grita,
Com euforia,
A Rita grita
De alegria.

Ela dá um grito de alegria.

NARRADORA

A Rita grita,
Quando canta
Sua música favorita.

Rita canta um música, bem alto.

NARRADORA

A Rita grita tão alto,
Que os vidros quebram
E tudo se agita.

Ouve-se o barulho de vidros se quebrando.

NARRADORA

A Rita grita taaaanto,
Que todo o mundo
Se IRRITA!!!

Rita convida as crianças da platéia a gritarem com ela.

A BRIGA COM MINHA AMIGA

Entra uma menina e começa a falar com a platéia.

MENINA

Eu tenho uma amiga chamada Daniela.

Ela aponta pra Daniela, que entra em cena.

MENINA

Ontem, na festa de aniversário
dela...

Entram outras crianças usando chapeuzinhos de aniversário e soprando línguas de sogra.

MENINA

Eu fiz uma brincadeira com ela.
(ela pega uma bexiga)
Estourei uma bexiga bem no ouvido
dela.

Ela chega por trás da Daniela e estoura a bexiga no ouvido dela. Daniela dá um pulo e se assusta. Fica brava e vem pra cima da menina.

MENINA

Isso assustou tanto a Daniela
Que ela nem parecia mais minha
amiga.
Me xingou...

DANIELA

Sua magrela banguela!

Daniela faz pose de briga, com os punhos cerrados.

MENINA

E ainda queria arrumar briga.

A menina sai de perto da Daniela.

MENINA
 Eu tentei sair de perto dela,
 Mas ela beliscou minha barriga
 E chutou minha canela.

Daniela belisca a barriga e chuta a canela da menina.

MENINA
 Aaaaaiii! Então, eu disse pra
 Daniela
 (pra Daniela)
 Eu não quero briga!
 (pra platéia)
 Disse que eu gostava muito dela
 (pra Daniela)
 Você é minha amiga.

A Daniela vai dar um tapa na menina, mas segura sua mão antes de acertar o rosto dela.

MENINA
 Aí, a Daniela se tocou...

Daniela recua.

DANIELA
 Desculpas!

MENINA
 E me abraçou.

As duas se abraçam.

MENINA
 (pra Daniela)
 Eu que peço desculpas. Foi uma
 brincadeira boba que eu fiz de
 estourar uma bexiga no seu ouvido.

Ainda abraçada com a Daniela, a menina olha pra platéia e diz:

MENINA
 E eu fiquei feliz da vida,
 Porque não perdi
 A minha amiga
 Numa estúpida briga.

JOÃO CABEÇÃO

Entra João Cabeção, que é um ator usando uma fantasia que lhe encobre a cabeça. Ao topo da fantasia está grudada uma cabeçona falsa.

NARRADOR

O apelido do João
Era cabeção.
Mas é melhor não falar em cabeça
Porque talvez ele se aborreça.

João anda de um lado para o outro, com um ventilador fazendo-lhe vento no rosto.

NARRADOR

O João não era nada atento.
Era um cabeça-de-vento.

João abre a boca e vê-se um vazio dentro de sua cabeça.

NARRADOR

Quando ele abria a boca
Se percebia
Que era um cabeça-oca.

João tenta montar um quebra-cabeça, mas não consegue, e dá uma paulada na própria cabeça, quebrando um pedaço dela.

NARRADOR

Uma vez
Ele quebrou a cabeça
Tentando montar
Um quebra-cabeça.

Outra vez foi pior...

Entra Vanessa, uma menina linda. João põe uma mão no peito, por baixo da roupa, e simula um coração batendo forte de amor.

NARRADOR

Ele se apaixonou
Por uma menina,
Chamada Vanessa,
E perdeu a cabeça.

A cabeça de João desgruda do seu corpo e cai no chão. Cegamente, João tateia seus arredores tentando encontrá-la.

NARRADOR

Ele procurou,
Procurou,
Mas não a encontrou.

E, em vez de cabeção,
O apelido do João
Passou a ser

João-sem-cabeça.

Coitado do João!

Ah! Antes que eu me esqueça
Você viu por ai... uma cabeça?

João continua procurando sua cabeça. A platéia o ajuda. João acha sua cabeça, gruda-a no corpo e fica feliz.

TIÃO VALENTÃO

Entra um menino grande e forte.

NARRADOR
O apelido do Sebastião
É Tião Valentão.
Quem fala com o Tião...

Uma pessoa entra e cumprimenta Tião de longe.

PESSOA
Fala, Tião.

Bravo, Tião mexe os braços e a boca, apontando para a pessoa.

TIÃO
Falo nada, Seu...

NARRADOR
Ouve um palavrão.

Uma menina chega perto de Tião e fica olhando pra ele.

NARRADOR
Quem olha pro Tião,
Leva um beliscão.

Tião dá um beliscão na menina. Ela fica triste e toca no peito do Tião. Ele dá um arranhão no braço dela.

NARRADOR
Quem toca no Tião
Leva um arranhão.

A menina vai embora. Entra um menino apressado e esbarra no Tião. Ele fica bravo e dá um tapão no ombro do menino.

NARRADOR
Quem esbarra no Tião
Leva uma safanão.

O menino fica bravo e levanta os punhos, chamando Tião pra briga. Tião avança e dá um bofetão no menino.

NARRADOR

E quem briga com o Tião,
Leva um bofetão.
É por isso que ninguém
Quer ser amigo do Tião.

O menino olha com mágoa para Tião e vai embora, chorando.

NARRADOR

Agora, o Tião Valentão
É o Tião-sem-nenhum-amigão,
Ou o Tiãozinho,
Que sempre está sozinho.

Tião fica sozinho no palco.

TIÃO-SEM-NENHUM-AMIGÃO

Sozinho, Tião olha pros lados, sentindo falta de companhia.

NARRADOR

Tião-sem-nenhum-amigão,
Como dizia seu apelido,
Não tinha nenhum amigo.
Por isso, ele ficou arrependido
De ser tão malvado e malcriado.

Tião abaixa a cabeça, triste. Entra a pessoa que foi xingada e lhe joga uma bola de papel na cara. Tião olha pra a pessoa, que fica apreensiva.

NARRADOR

Então, o Tião
Resolveu parar
De falar palavrão

TIÃO

Seu filho... de Deus.

A pessoa se espanta. Entra a menina que se deu mal antes e ela dá um beliscão e um arranhão em Tião, que lhe retribui com um beijo no rosto. A menina fica espantada.

NARRADOR

Ele parou de dar beliscão,
Arranhão, safanão e bofetão.

O menino que apanhou volta, avança sobre Tião e lhe dá um safanão e um bofetão. Depois fecha os olhos e se protege, esperando apanhar. Mas Tião lhe dá um abraço carinhoso.

NARRADOR

De repente,
Ele passou a ser mais calmo,
Educado e paciente.

O menino e a menina sorriem pra ele.

NARRADOR

Tião não fez mais nenhum mal,
E assim tornou-se um cara legal.
Então, o apelido do Tião
Passou a ser... Tião-amigão.

A pessoa, o menino e a menina dão um abraço em Tião e os quatro sorriem, felizes.

GORILA NA MOCHILA

NARRADOR

Hoje, eu fui ao zoológico.
Quando saí,

Um menino aparece, com uma mochila gigante nas costas. Ele estranha o peso, olha pra mochila e levanta a cobertura de pano, revelando uma cabeçorra de gorila.

NARRADOR

Eu percebi
Que tinha um GORILA
Na minha mochila.

O menino se espanta, mas depois abre um sorriso.

NARRADOR

Acho que ele fugiu da jaula.
E, como eu gostei dele,
Levei ele pra minha aula.

O menino caminha e aparecem seus colegas de classe. Todos se atraem pelo gorila. Começa a chegar mais crianças, que formam uma fila (pode-se chamar crianças da plateia para fazer fila pra ver o gorila).

NARRADOR

Todo mundo queria ver o gorila
Que eu achei na minha mochila.
Queriam brincar com ele,
Faziam até fila.

Entra a professora.

NARRADOR
Aí, a professora olhou,
Perdeu a postura
e perguntou:

PROFESSORA
De onde veio essa criatura?

MENINO
Do zoológico, é lógico!

ALGUÉM É PERFEITO

Entra uma menina.

MENINA
Dizem que ninguém é perfeito,
Mas eu não aceito
Muito bem
Esse conceito.
Vejam comigo,
Por exemplo,
Os meus amigos:

Enquanto ela fala, entram os amigos dela, com suas respectivas características.

MENINA
O João tem um cabeção
O José tem um baita chulé
O Paulão tem um narigão.
A Marcinha tem perna tortinha.
O Adriano tem orelha de abano.
O Marcelo tem cabelo de cogumelo.
E a Renata tem cabeça chata.

A menina e seus amigos dão-se as mãos e todos começam a girar cirandinha.

MENINA
Mas eles são meus amigos do peito
E eu gosto tanto deles,
Me divirto tanto com eles,
Que nem reparo nos seus defeitos.

Eles param de girar.

MENINA
Pra mim, eles são perfeitos!

Todos olham para a platéia e sorriem.

OVOS DE COELHO

Entra um menino, o Alexandre Botelho. Ele senta-se no chão.

NARRADOR
 Alexandre Botelho
 Queria um coelho.
 Um coelhinho
 De estimação,
 Pra botar no joelho
 E fazer carinho,
 Com a mão.

O menino gesticula e faz carinho no coelho imaginário que está no seu colo.

NARRADOR
 Num belo dia,
 Botelho, finalmente,
 Ganhou seu coelho.

Entra a mãe do menino e lhe dá um coelho. O menino fica feliz da vida. Ele pega o coelhinho e faz carinho nele.

NARRADOR
 Era Páscoa,
 E ele esperou, de mansinho,
 O coelho botar seus ovinhos.

O menino observa o coelhinho e logo vê que ele botou ovinhos pretos. O menino fica empolgado.

NARRADOR
 Quando o coelho botou,
 O menino avançou
 E comeu tudinho.

O menino come as bolinhas pretas e faz um grande careta, pois sente um gosto horrível.

NARRADOR
 Mas, que estranho! Que disparate!
 Os ovos não tinham gosto de chocolate!

VICENTE SEM DENTE

Entra Vicente, com um cachorro-queente em uma das mãos. Com a outra, ele cutuca o dente, que está mole.

NARRADOR
 Estava molinho
 O dente
 Do menino,
 Chamado Vicente.

Vicente dá uma gostosa mordida no cachorro-quente. Mas logo percebe que seu dente ficou grudado no pão.

NARRADOR
Quando Vicente
Comeu um cachorro-quente,
Seu dente caiu
E ele riu.

Vicente dá um lindo sorriso banguelo. Depois pega e observa o dente que caiu.

NARRADOR
Vicente,
Sem dente,
Ficou contente,
E se foi, sorridente.

Ele vai embora, todo alegre.

VICIADO EM VIDEO GAME

No palco tem uma TV, um vídeo game e uma pistola de plástico. Jorginho entra e começa a jogar o jogo, apontando para a tela e atirando em tudo.

NARRADOR
Jorginho Lin Tei Me
Adora videogame.
Ele joga
E joga
E joga
Um jogo muito legal
Do Matador Serial.
Tudo que aparece
Ele tem que matar
Com sua pistola letal.
Atira aqui...

JORGINHO
PUM!

NARRADOR
Atira ali...

JORGINHO
PUM, PUM!

NARRADOR
É animal!
O Matador Serial
Mata tudo
Com sua pistola letal.

Jorginho para de jogar e sente algo em sua barriga. Passa a língua nos lábios. Sente fome.

NARRADOR

Só que o Jorginho
Está tão viciado
Nesse joguinho
Que, quando fica com fome,
Ele não come,
Mas atira na barriga
Pra matar... a fome.

Jorginho fica atirando em sua própria barriga.

JORGINHO

Pum! Pum!

NÃO CONSIGO PARAR DE RIMAR

Entra um menino com um jeito bem doido e começa a falar com a platéia.

MENINO DOIDINHO

Estou com um problemão
E, depois de muito pensar,
Ainda não sei a solução.

Quando eu abro a boca para falar
Eu começo a rimar
E não consigo parar.

Se eu falo de pé, ou deitado,

Ele deita no chão.

MENINO DOIDINHO

Eu sempre falo rimado.
Embaixo ou em cima
Sempre sai rima.

Entra uma prima e um primo, um de cada lado do palco. Eles acenam para o menino. O menino se levanta e olha pros dois.

MENINO DOIDINHO

Falando com minha prima
Ou com meu primo
Eu sempre faço rima
Eu sempre rimo.

Saem os primos.

MENINO DOIDINHO

Eu não sei o que eu faço
Para acabar com esse embaraço!
Eu não consigo parar

De rimar e rimar.

Acho que, em vez de falar,
Eu vou me calar.

Ele tapa a boca com as duas mãos e sai. Depois volta.

MENINO DOIDINHO
As pessoas falam pra eu parar
Mas eu nunca vou me calar
Eu vou sempre continuar
A rimar e a rimar.

Cheio de vitalidade, menino sai.

FINAL

Laís e Carlos estavam assistindo a cena, do canto do palco.
Eles vão para o meio.

CARLOS
Eu entendi o que aconteceu.

LAÍS
Eu também.

CARLOS
A gente ficou tanto tempo
procurando o livro...

LAÍS
Sem perceber que a gente tava
vivenciando os poemas junto com os
personagens.

Eles vão para trás do palco e, um de cada lado, empurram a tapadeira que ficou lá a peça inteira. Ela se fecha ao meio, revelando que ele era o livro "Poemas Divertidos" versão gigante.

CARLOS
A gente tava dentro do livro.

FIM